

Os nichos dos santos da Ordem Terceira de São Francisco, em Loulé.

Francisco Lameira
Martina del Rio João

Os nichos dos santos da Ordem Terceira de São Francisco, em Loulé.

Francisco Lameira. Universidade do Algarve
Martina del Rio João. Investigadora

A 13 de janeiro de 1745, o tabelião de Notas de Loulé, António Palermo da Ponte Farinha, desloca-se às casas de morada do sargento-mor Nuno Mascarenhas Pessanha, cavaleiro professo da Ordem de Cristo e reitor da irmandade de São Sebastião, onde se dirigiram também o mestre entalhador João Amado, morador na Fonte dos Canos, nos arredores de Loulé e três testemunhas. Aí é lida e assinada uma escritura de contrato, na qual se refere que o dito João Amado se compromete, pela quantia de 134\$400 réis, a executar dez nichos de madeira na igreja de São Sebastião/de São Francisco (Fig.1). Entre as cláusulas desta escritura é referido que *fará os ditos nichos na forma da planta e risco delineado para esta obra e no caso de os não concluir até de setembro do mesmo ano, perderá seis moedas de ouro de 4\$800 réis cada uma* (ver Apêndice documental).

Após o entalhe e assentamento na igreja dos aludidos nichos, dentro do prazo previsto para tal, foi necessário providenciar a sua pintura e douramento. Para este efeito realizou-se, no dia 27 de outubro de 1745, mais uma vez nas casas de morada do sargento-mor Nuno Pessanha uma nova escritura notarial, nesta ocasião registada pelo tabelião José de Brito da Silva. Para além das testemunhas, uma das quais o reverendo prior da freguesia de São Clemente João Rodrigues Palma, estiveram presentes o capitão Rodrigo da Ponte Palermo, anterior juiz da confraria de São Sebastião e atualmente escrivão, Afonso Correia, recebedor da mesma e ainda Diogo de Sousa e Sarre e Rodrigo Correia Pincho, ambos pintores com oficina aberta em Loulé. Estes últimos obrigam-se pelo montante de 129\$600 a executar a obra em falta até à feira de Loulé (*dia de Santo Agostinho, a 28 de agosto*) de 1747 (ver Doc.1).



Fig.1 - Loulé. Fachada principal da igreja de São Sebastião - São Francisco. Foto SIPA 1092060

Se na escritura referente à feitura e entalhe dos nichos se mandou previamente executar uma planta ou risco, muito provavelmente concebida por João Amado, neste novo documento mostrou-se indispensável especificar as tarefas a realizar, tendo ficado anotadas as seguintes: *dourarem a obra dos nichos da capela dos santos da ordem terceira, que*



Fig. 2 - Loulé. Nichos dos santos, após o restauro. Foto José Bernardo Carvalho

de novo se acham feitos, a saber todo o dourado, menos os nichos por dentro, que serão pintados e os quadro pintados dos santos da ordem onde melhor parecer e os lisos de roda dos ditos quadros pintados de flores e o pé da obra o que for liso fingido de pedra e os pavilhões ou cortinas estofadas e as carnes que se acharem encarnadas e as águias estofadas (ver Doc.2).

Os nichos dos santos da ordem terceira de São Francisco passaram então a preencher as paredes laterais da nave da igreja de São Sebastião, ficando cinco de cada lado (Fig.2), unificados por uma cornija contínua de talha dourada. São de madeira, muito provavelmente originária da serra de Monchique, principal centro abastecedor desta matéria-prima, não só no Algarve, mas também no Alentejo e na Estremadura.

Cada nicho, de formato retangular, inscreve-se entre duas pilastras integralmente revestidas com flores diversas e rematadas por fénix, sobressaindo, em cada uma, um menino em alto-relevo e no remate uma cabecinha de serafim. Nas ilhargas há cortinas repuxadas lateralmente por *putti*. Sobre a cornija evidenciam-se expressivos enrolamentos acânticos ladeando uma concha central (Fig.3 e 4).

Os referidos nichos acolhiam dez imagens, na sua maioria em roca ou de vestir, da procissão da Cinza¹, que se realizava anualmente na quarta-feira que iniciava a Quaresma e que percorria as principais artérias de Loulé, sendo possível a partir do Arrolamento de 1911 (ver Doc. 3) deduzir as seguintes:

- . **São Salvador** – Imagem de Cristo com a Cruz às Costas, um dos Passos mais relevantes da Paixão.
- . **São Francisco** – Imagem do santo com as vestes franciscanas.
- . **Bom Casal (Lúcia e Bono)** – Casal italiano que, após o falecimento dos filhos, se dedica à penitência e à caridade. São considerados os primeiros seculares da ordem terceira da Penitência, em 1209.

¹ Se em Loulé os nichos são **dez**, na capela dos terceiros de São Francisco, em Faro, eram somente **oito** os nichos de madeira entalhada, tendo sido executados em 1732, pelo mestre escultor Manuel Martins (LAMEIRA, 2000, pp. 387 e 388), subsistindo ainda as imagens dos oito andores (1.º Salvador e São Francisco, 2.º Pontífice dando a Regra a São Francisco, 3.º São Francisco e os Bem Casados – Lúcio e Bona), 4.º Santa Rosa de Viterbo, 5.º Santa Jacinta de Mariscotti, 6.º Santa Margarida de Cortona, 7.º Rainha Santa Isabel, 8.º Santo Ivo, doutor. Já em Tavira, na capela dos terceiros são **doze** os nichos de madeira entalhada (Fig. 5), coevos dos de Faro, havendo em cada um deles uma tarja, onde se pode ver a sua identificação: Salvador do Mundo, Nosso Padre São Francisco, Santo Ivo doutor, São Luís rei de França, Santa Rosa, Santa Margarida de Cortona, São Roque, Rainha Santa Isabel, Santa Jacinta, Santo Elisário, Santa Delfina, Santa Helena (Informação cedida gentilmente pela Irmã Ministra Elvira Gonçalves).



Fig. 3 - Loulé. Nicho antes do restauro. Foto José Bernardo Carvalho



Fig. 4 - Loulé. Nicho antes do restauro. Foto José Bernardo Carvalho



Fig.5 - Tavira. Capela dos Santos da Ordem Terceira de São Francisco. Nicho com a imagem de São Luís, rei de França. Foto Elvira Gonçalves

- . **Santa Isabel, rainha de Portugal** (1271 - 1336) – Durante a sua vida na corte distinguiu-se no auxílio aos pobres e aos mais necessitados. Após a morte do rei D. Dinis, ingressou no convento das clarissas em Coimbra.
- . **Santa Margarida de Cortona** (1247-1297) – Nasceu na Toscana, na Itália central. Depois de levar uma vida de concubinato, passou a viver em rigorosa penitência num convento franciscano, em Cortona.
- . **Santo Ivo** (1263- 1303) – Advogado e sacerdote na diocese de Rennes, em França. Defendia gratuitamente as causas dos pobres.
- . **São Benedito** (1526- 1589) – Nasceu na Sicília, sendo filho de escravos africanos. Ingressou num convento franciscano em Palermo, onde chegou a ser eleito superior. Rapidamente se tornou padroeiro da população de origem africana.
- . **São Roque** (década de 1690 - 1327) – Na sua peregrinação a Roma auxiliou as vítimas de uma epidemia de peste. Depois de ter sido contagiado, refugiou-se num bosque, onde um cão lhe levava comida continuamente até se curar.
- . **São Luís, rei de França** (1215- 1270) – Participou em duas cruzadas, tendo trazido a coroa de espinhos de Cristo. Foi irmão terceiro franciscano, fundando vários mosteiros e hospitais.
- . **Nossa Senhora da Conceição** – A partir do Concílio de Trento triunfou o culto à Imaculada Conceição. A Virgem Maria desce do céu, rodeada de serafins e os seus pés assentam na lua e pisam uma serpente. Entre os nichos há oito telas pintadas, quatro de cada lado, inseridas num emoldramento retangular interrompido nos vértices por sucessivos ressaltos,



Fig.6 - Pintura de Santa Isabel, rainha da Hungria. Várias fases do restauro. Foto José Bernardo Carvalho

representando santos e beatos da devoção dos terceiros franciscanos. Excetuando São Roque, os restantes foram virtuosos seguidores da doutrina de São Francisco, na qual predominam a disciplina e os cilícios. Vejamos o que representa cada uma das telas:

- . **Anónimo Cónego Cardeal** – É representando com hábito franciscano. Segura um coração flamejante na mão direita e um livro e um cilício na mão esquerda.
- . **Bem-aventurado Bartolo** (1227 - 1300) – É representando com hábito franciscano e colarinho branco ou romano. Segura um cilício na mão esquerda. Sacerdote, natural da Toscana, na Itália central. Pertenceu à Ordem Terceira franciscana.
- . **Bem-aventurado Jacob** (1230 ou 1236 - 1306) – É representando com hábito franciscano e um cilício na mão direita. Frade menor franciscano, natural da Toscana, na Itália central. Escreveu inúmeras laudes.
- . **São Conrado** (1290-1354) – Veste hábito franciscano e colarinho romano. Segura um cilício na mão direita. Terceiro franciscano natural de Placência, no Norte de Itália. Peregrino e penitente, realizou vários milagres.
- . **São Roque** (década de 1690 - 1327) – É representando com hábito de peregrino, bordão, cabaça e algumas

vieiras. Na perna direita tem uma ferida e aos seus pés está um cão.

Natural de Montpellier, na França, repartiu as riquezas e partiu em peregrinação a Roma, onde auxiliou as vítimas de uma epidemia de peste. Depois de ter sido contagiado, refugiou-se num bosque, onde um cão lhe levava comida continuamente até se curar.

- . **Santa Catarina de Bolonha, Virgem** (1413-1463) – Veste hábito franciscano e segura um cilício na mão esquerda.

Religiosa franciscana, primeiro num convento em Ferrara, no Norte de Itália e depois em Bolonha, onde foi abadessa. Escreveu as *Sete Armas Espirituais*.

- . **Santa Isabel, rainha da Hungria** (1207 - 1231) – De hábito franciscano, segura um cilício na mão direita. Aos seus pés avulta uma coroa e um septo (Fig. 6).

Duquesa de Turíngia, atualmente na Alemanha, ficou viúva aos vinte anos. Recusou a vida da corte. Ingressou na ordem terceira franciscana. Foi tia-avó da rainha Santa Isabel de Portugal.

- . **Santa Margarida de Cortona** (1247-1297) – É representada com hábito franciscano, uma coroa de espinhos e um cilício na mão direita.

Nasceu na Toscana, na Itália central. Depois de levar uma vida de concubinato, passou a viver em rigorosa penitência num convento franciscano, em Cortona.

Convém referir que os mesários da ordem terceira de São Francisco da Penitência de Loulé sistematicamente seguiam como modelo as práticas promovidas pelos terceiros franciscanos da cidade de Faro, sede do assento episcopal, atendendo a que estes últimos tinham como responsáveis, na maioria das situações, os mais altos dignitários do Cabido da sé. Entre diversos exemplos desta aproximação mencionamos uma das cláusulas do ajuste do retábulo-mor da igreja de São Sebastião de Loulé, promovido pelos mesários da confraria de São Sebastião e da ordem terceira de São Francisco, que diz o seguinte: *a mais talha terá semelhanças à capela dos terceiros de São Francisco de Faro*².

A irmandade de São Sebastião afirmou-se na então vila de Loulé como uma das mais reputadas associações de leigos. Lembramos que na matriz de São Clemente estavam sediadas cinco confrarias, a seguir indicadas por ordem decrescente da sua importância: a do Santíssimo Sacramento, a de São Pedro dos clérigos, a das Almas, a de Nossa Senhora da Luz e, por fim, a de São Crispim e São João. Entre as agremiações que administravam um templo autónomo mencionamos a da Santa Casa da Misericórdia, a de Nossa Senhora da Piedade e a de São Sebastião, *em que se executam as devoções e exercícios da ordem terceira de São Francisco por faculdade obtida pelo Desembargador do Paço, por ser esta ermida de proteção real*.

À confraria de São Sebastião pertenciam os mais ilustres e distintos moradores da então vila de Loulé. Nas duas escrituras notariais atrás referenciadas constatamos que ambas não foram realizadas na residência do tabelião, como era comum na época, mas sim nas casas de morada de Nuno Mascarenhas Pessanha, sargento-mor e posteriormente capitão-mor. Este ilustre cavaleiro professo da Ordem de Cristo, fidalgo da Casa Real, não só tinha uma capela, da invocação de Santa Ana, anexa à residência, mas também geria uma outra capela dedicada a Nossa

Senhora da Consolação, situada na igreja matriz de São Clemente e que se destinava a panteão da sua família. Um outro interveniente digno de referência é o capitão Rodrigo da Ponte Palermo, anterior juiz da confraria de São Sebastião e posteriormente escrivão da mesma.

O principal interveniente na obra de entalhe dos *nichos dos santos* da ordem terceira de São Francisco, em Loulé foi João Amado, responsável por uma das mais reputadas oficinas algarvias na primeira metade do século XVIII.

Nasceu e viveu parte da sua vida em Faro, na Rua de São Francisco. É provável que tenha aprendido o ofício de entalhador na oficina do mestre João Batista Severino, italiano que se estabeleceu nesta cidade na década de 1680. Casou na igreja da sé com Maria da Costa e pouco depois nascem os filhos. Um deles, em 1709, tem por padrinho o reputado mestre entalhador Gaspar Martins³, cunhado do já referido João Baptista Severino. Outro, João da Costa Amado, vai dar continuidade à sua oficina de entalhe.

Ainda com oficina aberta na cidade de Faro, a 7 de janeiro de 1724, ajusta com os mesários da confraria de São Sebastião e da ordem terceira de São Francisco a feitura do **retábulo-mor da igreja da ordem terceira de São Francisco**, em Loulé, pela quantia de 175\$000 réis⁴, exemplar ainda existente no templo em análise, ainda que bastante remodelado nos meados de Setecentos, ocasião em que se procedeu à abertura do camarim e à colocação de um trono escalonado no seu interior.

No ano seguinte, a 29 de julho, assume a feitura do **retábulo da capela das Almas**, sita na igreja matriz de São Clemente de Loulé, pelo montante de 110\$000 réis⁵. Este interessante espécime ainda subsiste.

Em 1728, é possível que tenha executado o retábulo-mor da igreja paroquial de Querença, apesar de este exemplar ter sido ajustado, a 11 de agosto, pelo mestre entalhador Manuel Martins, com oficina aberta na

3 LAMEIRA, 1987, pp. 9 e 26.

4 LAMEIRA, 2001-2002, pp. 212 a 214.

5 LAMEIRA, 2001-2002, pp. 203 a 205.

cidade de Faro⁶. Atribuímos ainda a João Amado os restantes quatro retábulos existentes neste templo.

Em 1729, apesar de ainda pagar um foro à confraria de Nossa Senhora do Rosário da Sé de Faro, transfere-se para Loulé, fixando a sua oficina, primeiro às Portas do Céu, depois na *Fonte dos Canos*. Pertenceu à confraria de Nossa Senhora da Luz, na igreja matriz de São Clemente, chegando a desempenhar as funções de recebedor. De assinalar que, ainda neste ano de 1729, adquiriu um exemplar da *Regla de las cinco ordenes de arquitectura de Jácome Vignola*, publicado em Madrid em 1693⁷. Na primeira página deste livro, atualmente existente na Biblioteca Municipal de Faro, surge a seguinte inscrição manuscrita: *Este livro é de João Amado*⁸(Fig. 7).

Já com a oficina aberta em Loulé, a 30 de dezembro de 1730, contrata com os procuradores do Cabido da sé de Faro a feitura do **retábulo-mor com sua tribuna e trono para a igreja matriz de São Clemente** de Loulé, pela quantia de 385\$000 réis, comprometendo-se a dar a obra por concluída até finais de 1733⁹.

A 10 de julho de 1735, é batizado na matriz de São Clemente o seu filho Sebastião da Costa Amado¹⁰, que assumirá alguns anos mais tarde uma oficina de pintura e douramento.

A 19 de junho de 1738, compromete-se a fazer durante um ano e meio um retábulo para a capela de Nossa Senhora da Luz, sita na igreja matriz de São Clemente de Loulé, assim como as imagens de Jesus, Maria e José. Obriga-se ainda nesta escritura, caso fizesse o **retábulo para a circunvizinha capela de São Crispim**, a pagar 82\$220 réis que devia à confraria de Nossa Senhora da Luz, dívida contraída quando fora recebedor¹¹. Nada resta destas intervenções.

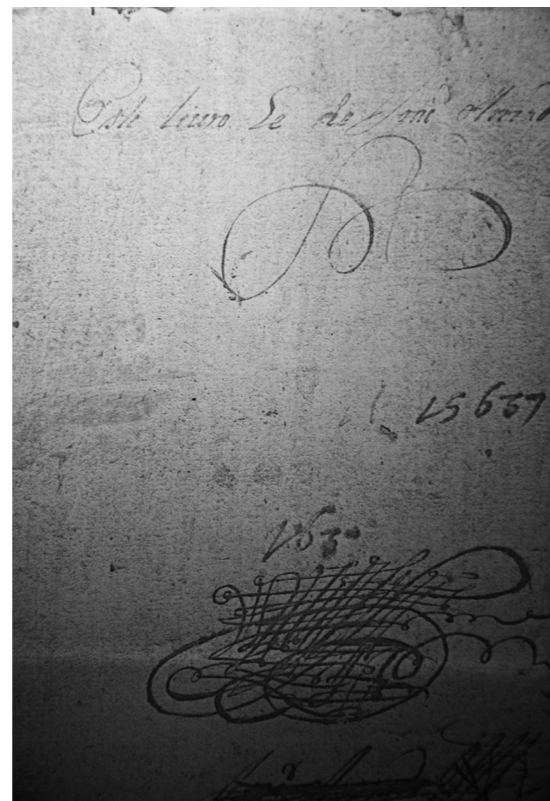


Fig. 7 - Página do tratado de Jácome Vignola, onde é visível a assinatura de João Amado

A 6 de novembro de 1739, ajusta a execução do **retábulo da capela de São Brás** na igreja matriz de São Clemente de Loulé, pela quantia de 240\$000 réis¹². Este interessante exemplar ainda sobrevive.

A última obra sua que conhecemos refere-se aos **nichos em talha** da igreja da ordem terceira de São Francisco de Loulé, que já mencionámos antes.

Apesar da prosperidade ocorrida em Loulé, na primeira metade do século XVIII, ter justificado a fixação de uma oficina de entalhe na sede do concelho, a do mestre João Amado, oriunda da cidade de Faro, não impediu que alguma clientela tivesse recorrido a profissionais provenientes da sede do bispado, conforme se verifica nas seguintes situações:

- A 7 de maio de 1700, o procurador dos religiosos agostinhos descalços, ajusta com o mestre imaginário

12 LAMEIRA, 2001-2002, pp. 201 a 203.

6 LAMEIRA, 2001-2002, pp. 237 e 238; LAMEIRA e DEL RIO JOÃO, 2020, p. 111.

7 LAMEIRA, 1987, pp. 9 e 45.

8 Esta assinatura corresponde à que assinou no Livro das Devassas de 1711, quando ainda morava na cidade de Faro, onde foi inquirido pelo bispo do Algarve, D. António Pereira da Silva (LAMEIRA, 1987, p.45).

9 LAMEIRA, 2001-2002, pp. 199 e 200.

10 Informação inédita cedida pelo investigador Manuel da Costa, a quem agradecemos.

11 LAMEIRA, 2001-2002, pp. 205 a 209.

João Batista Severino, italiano, mas com oficina aberta em Faro a feitura do retábulo da capela-mor da igreja de Nossa Senhora dos Pobres, atualmente da Misericórdia, pela quantia de 170\$000 réis¹³. Este exemplar só existe parcialmente, tendo sido bastante remodelado em campanhas de obras posteriores.

- No dia 10 de maio de 1716, o doutor Filipe Peixoto de Moura, Juiz de Fora de Loulé e reitor da confraria de Nossa Senhora da Piedade contrata com **Gaspar Martins**, reputado mestre entalhador com oficina aberta na cidade de Faro a feitura do retábulo da capela-mor da ermida da Senhora da Piedade¹⁴, situada nos arredores, nas imediações do convento de Santo António dos Capuchos. Este espécime já não subsiste, tendo sido substituído pelo atual.

- A 21 de dezembro de 1743, os oficiais da confraria de Nossa Senhora da Conceição das Portas, contratam com **Miguel Nobre**, prestigiado mestre entalhador fareense a execução do retábulo desta ermida, pela quantia de 350\$000 réis¹⁵. Este interessante exemplar ainda existe, tal como a ornamentação em azulejaria que reveste integralmente as paredes laterais.

- No dia 21 de outubro de 1744, os mesários da irmandade de Nossa Senhora da Boa Hora, nos arredores de Loulé, acordam com os continuadores da oficina do mestre Manuel Martins, a saber, **João Batista, Francisco Xavier Guedelha e Tomé da Costa**, o entalhe do retábulo para sua capela, pela quantia de 140\$000 réis¹⁶. Este modesto espécime ainda remanesce.

Os intervenientes na obra de pintura e douramento dos *nichos dos santos* da ordem terceira de São Francisco, em Loulé, foram dois pintores, também com oficina aberta nesta localidade: o reputado Diogo de Sousa e Sarre e o modesto Rodrigo Correia Picho, muito provavelmente seu antigo aprendiz.

Diogo de Sousa afirmou-se na região algarvia, não só como dourador, mas também como pintor de tetos em

13 LAMEIRA, 2000, pp. 377 a 379.

14 LAMEIRA, 2001-2002, pp. 217 e 218.

15 LAMEIRA, 2000, pp. 398 a 400.

16 LAMEIRA, 2001-2002, pp. 219 e 220.

perspetiva arquitetónica, modalidade pouco utilizada nesta diocese.

Vejamos algumas das suas obras¹⁷:

- Em **Loulé**, para além dos *nichos dos santos* da ordem terceira de São Francisco, doura o retábulo da ermida de Nossa Senhora da Conceição e pinta o teto da ermida de Nossa Senhora da Piedade.

- Em **Querença**, o douramento do retábulo da irmandade das Almas.

- Em **Olhão**, o douramento do grandioso retábulo da capela-mor da igreja paroquial.

- Em **Tavira**, o douramento do retábulo da capela da ordem terceira de São Francisco e do retábulo da confraria do Santíssimo Coração de Jesus e de Nossa Senhora da Boa Morte, na igreja conventual de São Francisco.

- Na vizinha localidade espanhola de **Ayamonte**, o douramento do retábulo-mor e algumas pinturas murais da igreja conventual de Nossa Senhora das Mercês.

Nota final



Fig. 8 - Pormenor de um nicho, vendo-se o rosto de um menino com uma das faces já intervencionada. Foto José Bernardo Carvalho

Na década de 1960, eventualmente, por apresentarem alguma degradação, os dez nichos de madeira entalhada, dourada e policromada e as imagens que acolhiam, que saíram na Procissão das Cinzas, assim

17 LAMEIRA, 1992; LAMEIRA, 2000, pp. 257 e 319;



Fig.9 - Pormenor do remate de um nicho, parcialmente intervencionado.
Foto José Bernardo Carvalho

com as oito telas pintadas existentes entre os nichos, foram arrecadados num compartimento anexo à igreja. Mantiveram-se secretamente nesse local até julho de 2019, quando o atual pároco, o Padre Carlos de Aquino promoveu obras com o objetivo de adaptar essa sala a capela mortuária. Após uma adequada intervenção de limpeza, conservação e consolidação (Figs. 8 e 9), promovida pela empresa do mestre José Bernardo Carvalho, de Braga, foram repostos no seu local de origem, valorizando assim um importante testemunho patrimonial da época barroca, concebido e executado por profissionais de mérito regional, com oficina aberta em Loulé.

Apêndice Documental

Doc.1

Escritura de contrato que faz João Amado, escultor, morador à Fonte do Canos, arredores desta vila com o sargento-mor Nuno Mascarenhas Pessanha, moradores nesta vila.

Em nome de Deus, amém. Saibam quantos este público instrumento de contrato virem que, no ano de nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1745, sendo em 13 dias do mês de janeiro da mesma era, em esta notável vila de Loulé e casas de morada do sargento-mor Nuno Mascarenhas Pessanha, cavaleiro professo em a Ordem de Cristo, onde eu, público tabelião de Notas, ao diante nomeado e assinado, fui, pessoa que presente estava e bem assim João Amado, mestre entalhador e escultor, morador na Fonte dos Canos, arredores desta vila, ambos pessoas conhecidas de mim, tabelião, de que dou minha fé serem os próprios aqui nomeados e logo pelo dito sargento-mor foi dito, em presença de mim, tabelião, e das testemunhas no fim desta escritura de contrato nomeadas e assinadas que, ele era reitor da irmandade de São Sebastião, sita nos arredores desta vila, estava contratado com o dito João Amado de lhe dar (...) os nichos da sobredita igreja de São Sebastião (...) fazer a dita obra desde a feitura desta escritura até dia 20 do mês de setembro da presente era, cuja obra será obrigado na forma que a presente escritura relata e faz menção, a saber que o dito João Amado será obrigado a fazer dez nichos na sobredita igreja, de pau, de (...), na forma da planta, com os tabuleiros que lhe pertencem e cornija, tudo na mesma forma do risco como nele se contém, isto por preço e quantia certa, logo nomeada, de 134\$400 réis, a qual obra será feita com a perfeição que deve ser, sem que nela se ache defeito algum, com as circunstâncias acima ditas, dizendo ele, dito reitor que sendo caso que o dito João Amado não complete a dita obra no tempo referido perderá em pena de faltar a este contrato seis moedas de ouro de 4\$800 cada uma e que sendo caso que seja necessário alguma fábrica pertencente a alvenaria para que a dita fique mais perfeita, se obriga ele, dito reitor, a mandá-la fazer por conta da dita igreja, dizendo mais ele, dito reitor, que à conta dos ditos 134\$400 logo entregará ao dito João Amado oito moedas de ouro de 4\$800 cada

uma, para com elas dar princípio à dita obra, a saber três moedas de ouro que o dito João Amado já em si tem por um escrito de sua letra e cinco moedas ao assinar desta escritura e conforme a expedição que o dito João Amado der a dita obra assim se obriga ele, dito reitor a fazer-lhe os pagamentos necessários até que a dita obra fique completa como deve ser e para tudo isto cumprir, disse ele, obriga sua pessoa, pelos poderes que representa e todas as rendas da dita igreja, onde forem achadas e pelo dito João Amado, que presente estava, foi, em presença das mesmas testemunhas, que ele tinha ouvido ler a escritura do sobredito reitor, que bem entendia, a qual em tudo aceitava, com todas as suas cláusulas, as quais se obrigava cumprir, guardar e observar na forma delas e de nunca vir contra esta escritura por caminho de direito, antes se obriga sempre ser defensor dela à sua custa e de lhe dar inteiro cumprimento na forma que nele se declara e outrossim lhe dá quitação, sinal de como recebeu as ditas oito moedas e desta forma ambas as partes aceitaram esta escritura que outorgaram e assinaram e rogaram esta lhe fizesse eu, tabelião, e a seus rogos fiz e de seus mandados, como pessoa pública estipulante, assistente e estipulei e assisti, em nome destas partes e de quem presente toca e tocar pode e a fiz e li às partes perante as testemunhas de que dou fé de assim lhes ler e depois de lida disseram estava na forma de seu mandado e declaro, eu, tabelião, que não obstante do corpo desta escritura não constar ser continuado com o capitão Rodrigo da Ponte Palermo e Afonso Correia como escrevão e recebedor da mesma, no fim assinados como convém na presente escritura e acham por valiosa, a tudo assistiram as testemunhas presentes José Marreiros e Anselmo Gonçalves e Luís Fernandes, todos desta vila que aqui assinaram e eu, António Palermo da Ponte Farinha, Tabelião de Notas, o escrevi.

(Arquivo Distrital de Faro, Livro do Tabelião de notas de Loulé, António Palermo da Ponte Farinha, 1745 fls. 5 a 6).

Doc.2

Escritura de contrato que fazem o juiz, escrevão e recebedor da confraria de São Sebastião desta vila com Diogo de Sousa e Sarre e Rodrigo Correia Pincho,

ambos pintores, moradores na dita vila.

Em nome de Deus amém. Saibam quantos este público instrumento de escritura de contrato virem que, no ano de nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1745 anos, sendo aos 27 dias do mês de outubro da mesma era e nesta notável vila de Loulé e casas de morada de Nuno Mascarenhas Pessanha, cavaleiro professo na Ordem de Cristo e sargento-mor da Praça desta vila, onde eu, tabelião, fui, aí estava ele presente e bem assim o Capitão Rodrigo da Ponte e Afonso Correia, moradores na mesma vila, pessoas que eu, tabelião, conheço e dou fé serem os mesmos aqui nomeados e por eles todos juntamente em uma unida vontade e cada um de per si in solidum foi dito, em presença de mim, tabelião e das testemunhas no fim desta Nota nomeadas e assinadas, que eles são juiz, escrevão e recebedor da confraria de São Sebastião desta mesma vila, que eles têm ajustado com Digo de Sousa e Sarre e Rodrigo Correia Pincho, ambos oficiais de pintores e moradores na dita vila, a dourarem e pintarem o entalhado que se acha feito na sua igreja de São Francisco na forma e condições seguintes: que serão os ditos pintores obrigados a dourarem a obra dos nichos da capela dos Santos da ordem terceira que de novo se acham feitos, a saber todo o dourado menos os nichos por dentro que serão pintados e os quadros pintados dos Santos da Ordem onde neles melhor parecer e os lisos de roda dos ditos quadros, pintados de flores e o pé da obra o que for liso fingido de pedra e os pavilhões ou cortinas estofadas e as carnes que se acharem, encarnadas e as águias estofadas e fazendo os ditos pintores a referida obra com toda a perfeição da arte, serão eles, ditos juiz, escrevão e recebedor e mais oficiais da dita confraria os seus sucessores serão obrigados a darem aos ditos pintores 129\$600 em duas pagas, uma pela feira de Loulé que embora vier do ano de 1746 e a outra metade por outro tal dia da dita feira do ano de 1747 e serão os ditos pintores obrigados a darem toda a obra feita, finda e acabada neste dia da última paga e para cuja obrigação obrigavam todos os bens e rendas da dita confraria, presentes e futuros, onde forem havidos e achados e logo por estarem presentes os ditos pintores Diogo de Sousa e Sarre e Rodrigo Correia Pincho, moradores nesta dita vila, pessoas

que eu, tabelião, conheço e dou fé serem os mesmos e por eles, ambos juntamente em uma vontade e cada um de per si in solidum, foi dito em presença de mim, tabelião e das mesmas testemunhas, que eles de suas livres vontades, sem pressão nem constrangimento de pessoa alguma mais que por suas conveniências, estão ajustados com ditos oficiais nesta declarados a dita obra que na mesma se declara, pelo referido preço de 129\$600 e assim aceitam esta escritura com todas as cláusulas e condições nela declaradas e sendo caso que algum dos ditos pintores seja faltado no tal tempo o que for vivo será obrigado a acabar a dita obra e para cumprirem o conteúdo disseram obrigavam suas pessoas e todos mais seus bens, assim móveis como de raiz, presentes e futuros, onde forem havidos e achados e para cumprirem, digo e achados e por de tudo serem contentes mandaram fazer esta escritura que outorgaram e assinaram e foram dela contentes, a qual eu, tabelião, a sues rogos fiz como pessoa pública estipulante, assistente e estipulei e assisti, em nome das pessoas a tudo isto ausentes a quem toca e tocar pode, a fiz e li às partes e testemunhas presentes o reverendo prior João Rodrigues Palma, Francisco Fernandes trabalhador, todos moradores nesta vila, que assinaram e eu, José de Brito da Silva, Tabelião do Judicial e Notas, a escrevi.

(Arquivo Distrital de Faro, Livro do Tabelião de Notas de Loulé, José de Brito da Silva, 1745, fls. 104 vº. e 105).

Doc.3

Arrolamento de bens de 1911- Igreja da Ordem terceira de São Francisco, de Loulé.

Distrito de Faro – Concelho de Loulé. Freguesia de São Sebastião.

Ao primeiro dia do mês de setembro de 1911, nesta vila de Loulé e no edifício da igreja da ordem terceira de São Francisco, onde se acha instalada a paróquia da freguesia de São Sebastião, compareceu o cidadão José dos Santos Galo, administrador de este concelho e bem assim o cidadão Manuel José Madeira, membro da Junta de Paróquia, indicado previamente pela Câmara Municipal do referido concelho, comigo João Rodrigues da Gama, aspirante de Finanças servindo de secretário e da Comissão Concelhia de inventário, para os fins

designados no artigo sessenta e dois da lei de separação das igrejas do Estado, e assim principiámos o arrolamento e inventário, da forma seguinte:

Uma imagem de São Sebastião.

Duas imagens de São Francisco.

Uma imagem do Senhor Jesus dos Passos.

Uma imagem de Nossa Senhora da Soledade.

Uma imagem de São João Evangelista.

Uma imagem do Senhor Morto.

Uma imagem de Nossa Senhora da Boa Morte.

Uma imagem de Santa Quitéria.

Uma imagem de Nossa Senhora das Dores.

Uma imagem do Senhor Jesus dos Aflitos.

Uma imagem do Sagrado Coração de Jesus.

Uma imagem do Sagrado Coração de Maria.

Uma imagem da Senhora da Palmeira.

Uma imagem da Senhora da Saúde.

Uma imagem de Santo Ivo.

Uma imagem de São Luís.

Uma imagem de São Benedito.

Duas imagens representativas do Bom Casal.

Uma imagem da rainha Santa Isabel.

Uma imagem de Santa Margarida de Cortona.

Duas imagens de Nossa Senhora da Conceição.

Uma imagem de São José.

E duas imagens de São Salvador.

Dois sacrários, sendo um na capela do santíssimo Sacramento e outro na capela de Nossa Senhora das Dores.

Cinco banquetas de altar.

Quatro jogos de sacras.

Quatro castiçais de vidro

Quatro jarras de loiça para flores.

Duas colunas de madeira para vasos.

Dois vasos de louça rameada, com flores artificiais.

Dois cadeirais de madeira na capela-mor com doze lugares.

Três bancos pequenos para os padres.

Uma mesa de madeira que serve de credencia.

Um confessionário, de madeira.

Uma cadeira, de madeira, para confissões.

Dois vasos de louça com hortenses artificiais.

Oito jarras de louça branca, com ramos, para flores.

Duas lâmpadas de metal amarelo.

Um lustro de vidro.

Um piano órgão de cinco oitavas.

Um relógio de parede.

Dois pares de galhetas de vidro e respetivos pratos.

Uma pia de batismo, em pedra.

Uma caldeirinha de metal e respetivo hissope.

Dois turíbulos de metal, sendo um branco e outro amarelo, com as respetivas navetas.

Um quadro de vidro com a imagem de São João Baptista batizando Cristo.

Um outro quadro com a imagem de São Sebastião.

Um retábulo com a imagem de São Roque.

Um crucifixo, em pano, grande, na sacristia.

Um vestuário, de madeira.

Um paramento, preto, completo.

Um paramento branco e encarnado também completo.

Uma casula branca e encarnada.

Um véu de ombros, branco e encarnado.

Uma casula e duas dalmáticas de damasco de seda branca.

Uma casula de damasco encarnado.

Uma casula de damasco branco.

Uma casula de damasco encarnado e verde.

Um coxim de damasco de seda branca.

Uma pasta Branca, completa, para o cálice.

Uma pasta, roxa, completa, para o cálice.

Uma pasta completa, encarnada, para o cálix.

Dois missais.

Três alcatifas.

Seis alvas de pano, de linho.

Seis cingulos.

Vinte e cinco toalhas de pano de linho dos altares, sendo doze sem renda.

Três toalhas de pano de linho, com renda, para a comunhão.

Seis toalhas para o lavatório.

Uma toalha de pano de linho para a credencia.

Quatro amitos.

Seis manutérgios.

Seis sanguíneos.

Um roquete para confissões.

Cinco tapetes de roupa encarnada, para cobrir os altares.

Duas campainhas de metal.

Um cajado de prata pertencendo a São Luís.

Três cálices de prata completos e uma custódia também de prata.

A igreja compõe-se de um só corpo, tendo ao fundo a capela-mor com guarnições de madeira dourada e quatro altares laterais, dois dos quais também guarnecidos de madeira dourada, estando todo o edifício em bom estado de conservação e aseo.

Enão havendo nada mais a inventariar, ele administrador deu por findo este arrolamento, ao qual foi apresentado pelo pároco José Parreira Espada Calapez um protesto no qual declara não ser intento em desacatar a autoridade civil, mas cedendo à força de nenhum modo colabora nas operações do presente inventário, antes, em nome da liberdade religiosa, protesta contra ele perante Vossa Excelência, considerando uma violência atentatória dos legítimos direitos da igreja e vai junto ao exemplar que vai junto ao exemplar que vai ser enviado à Comissão Central de execução da lei de separação.

E para constar se lavrou este auto, que depois de lido vai ser por todos devidamente assinado e por mim, João Rodrigues da Gama, aspirante de finanças servindo de secretário que o subscrevi.

José dos Santos Galo. Manuel José Madeira. João Rodrigues da Gama.

(Arquivo e Biblioteca Digital do Ministério da Finanças, Fundo documental da comissão jurisdicional dos bens cultuais, Arrolamento de bens de 1911- Igreja da Ordem terceira de São Francisco, de Loulé, fls. 261 a 263).

Fontes e estudos citados nas notas e no texto

Arquivo e Biblioteca Digital do Ministério da Finanças, Fundo documental da comissão jurisdicional dos bens culturais, **Arrolamento de bens de 1911 - Freguesia de Estói**, fls. 203 a 211.

LAMEIRA, Francisco (1992) – “Contribuições para o estudo da escultura barroca algarvia- o retábulo da capela-mor da igreja de Nossa Senhora das Mercês de Ayamonte”, *Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, n. º1, Loulé, pp. 143 a 54.

LAMEIRA, Francisco (2000) – *A talha no Algarve durante o Antigo Regime*, Faro.

LAMEIRA, Francisco (2001 - 2002) - “Documentos para a história do Algarve”, *Anais do Município de Faro*, XXX - XXXI, pp. 133 a 257.